

Discurso do confrade Anderson Walter Costa da Silva

Boa noite!

Em nome do presidente da Academia de Medicina do Amapá, Dr. Aljerry Rego, cumprimento os demais membros da mesa.

Não podemos começar sem falar do pai da medicina, Hipócrates, filho de Heráclides e Fenareta, que nasceu no ano de 460 a.C. e faleceu em 377 a.C., aos 83 anos. Seu nascimento ocorreu em uma cidade localizada em uma ilha da costa da Ásia Menor, chamada Kós. Dentro de sua família, a prática da medicina e da magia era uma tradição que já percorre gerações, e, por esse motivo, ele era considerado um asclepiade. O que é um asclepiade?

Asclépio, ou Esculápio, é o deus da medicina na mitologia grega. Era filho de Apolo e da ninfa Coronis. Esse deus possuía um cajado, símbolo de autoridade espiritual. Quem o usava estava em um estágio superior de amadurecimento, experiência e temperança. A serpente, que envolve o cajado, devido à sua troca de pele, representa a renovação e a libertação das doenças.

Asclépio foi criado pelo seu mestre, o centauro Quíron, com quem aprendeu a ciência médica, utilizando plantas silvestres para a cura das enfermidades. Tornou-se famoso em toda a Grécia, e a ele são atribuídas cirurgias místicas, chegando a ressuscitar os mortos.

Porém, Hipócrates rejeitava as superstições e as práticas mágicas e se dedicou ao caminho científico, baseado na observação clínica. Relacionou diversas doenças a fatores climáticos, alimentares e ambientais, desenvolveu métodos e teorias médicas que influenciaram a medicina por séculos e a ideia de que a saúde dependia do equilíbrio entre corpo e mente. Utilizou a filosofia como aliada do desenvolvimento da medicina, propondo que um método racional dos fenômenos deveria ser utilizado para a abordagem e tratamento de qualquer mal que afete a saúde humana.

Assim, Hipócrates foi capaz não somente de superar as crenças supersticiosas sobre o processo de saúde e doença relacionadas à teurgia — práticas ritualísticas religiosas com o objetivo de conectar o ser humano com os deuses para obter a cura —, mas também conseguiu estabelecer a medicina como uma ciência independente, o que proporcionou o surgimento da profissão de médico.

Gostaria que cada membro da Academia fizesse uma reflexão sobre sua vida. Então, vamos começar do início.

Falemos da fecundação, quando um óvulo se une a um espermatozoide e cria um novo ser, uma alma. Um espírito é anexado ao novo indivíduo. O coração logo começará a bater, e, em seguida, os movimentos já serão percebidos pela mãe, que avisará ao pai: “Olha, nosso bebê mexeu! Há um milagre acontecendo dentro de mim! Obrigado, meu Deus!” Isso, ou algo semelhante, foi pensado por nossas mães, e ela continuou: “São nove meses no meu ventre para tê-lo pela eternidade no meu coração.” Então, muitos de nós escutamos a palavra eternidade ainda dentro do ventre materno.

A eternidade nos faz pensar em imortalidade. E, ao término dos nove meses, estamos nós fora da barriga, conhecendo esse mundo. Logo engatinhamos e andamos — mesmo que tarde, eu andei só aos quatro anos, mas andei.

Depois fomos para as escolas primárias e conhecemos nossas professoras do preparatório; acho que todos aqui fizeram preparatório, em internatos ou escolinhas de bairro. Aí vêm as brincadeiras e as perguntas: "O que vais ser quando crescer?" "Acho que tem cara de médico!", dizia uma tia ou uma vizinha. "Ou será que vai ser bombeiro, policial, advogado, engenheiro?" Essas eram as profissões mais chamativas da nossa infância. Será que foi nesse momento que escolhemos a medicina? Ou foi a medicina que nos escolheu?

Quando crianças, aprendemos na catequese, para os católicos, ou na escola bíblica dominical, para os evangélicos, ou na evangelização infantil, para os espíritas, a história de Cristo, que é considerado o médico dos médicos, e também de seu discípulo, São Lucas Evangelista, que falou: "Não necessitam de médicos os que estão sãos, e sim os enfermos." São Lucas, que era médico, é o patrono da medicina. Ainda na infância, íamos buscar bombons no dia de São Cosme e Damião, santos protetores das crianças. Vale lembrar que eles também eram médicos.

O orixá da cura na umbanda e no candomblé, Obaluaê, é conhecido como o rei da terra, que cuida dos doentes e necessitados. No sincretismo religioso, é identificado com São Lázaro. Para os espíritas, conhecemos também o Dr. Bezerra de Menezes, o "médico dos pobres", que de 1859 a 1861 exerceu a função de redator dos Anais Brasileiros de Medicina, um periódico da Academia Imperial de Medicina, criada por D. Pedro I.

Quando crianças, entramos em contato com esses ensinamentos e a medicina sempre nos rodeava. E aí? Fomos nós que escolhemos a medicina, ou a medicina nos escolheu?

Então, vamos continuar. Passamos pela escola primária; depois vem a adolescência, as festinhas de 15 anos, os bailes de garagem, os jogos de futebol, as brincadeiras de queimadas e bandeirinhas. Chega o segundo grau, alguns aqui ainda estudaram no científico, mas uma decisão tem que ser tomada: para que vou prestar vestibular? Para o curso mais concorrido, o de medicina? Estou preparado? Sim! Tenho convicção, é medicina que eu quero! E aí? Fui eu que escolhi a medicina, ou a medicina que me escolheu?

E então sai o resultado. Quem fez vestibular em Belém escutou a música do Pinduca: "Alô papai, alô mamãe, bote a vitrola para tocar, podem soltar foguete que eu passei no vestibular!" Agora somos acadêmicos de medicina. São seis anos de estudo, depois residência, pós-graduações diversas, mestrados, doutorados, mais estudos, estudos, estudos, noites sem dormir, sábados, domingos, feriados, sempre de plantão.

Vida dedicada, sempre lembrando o juramento de Hipócrates:

"Juro por Apolo, médico, por Esculápio, por Higéia e Panaceia, por todos os deuses e deusas, tomados como testemunhas, que cumprirei, no limite de minhas forças e capacidade, o seguinte juramento e compromisso: colocarei meu mestre no nível dos meus pais, dividirei com ele o meu haver e providerei às suas necessidades, quando for o caso.

Terei seus filhos como irmãos e lhes ensinarei a medicina, se o desejarem, sem remuneração ou recompensa.

Por preceitos, lições orais e todo outro meio de instrução, transmitirei o conhecimento dessa arte a meus filhos, aos filhos do meu mestre e a discípulos ligados por compromisso e juramento segundo as leis da medicina, mas a ninguém mais.

Seguirei o regime que for mais benéfico para os doentes,
segundo minhas luzes e meu critério, abstando-me de todo mal e injustiça.
Não administrarei veneno a quem quer que me peça,
nem tomarei a iniciativa de sugerir seu uso;
da mesma forma,
não darei a mulher alguma pessário abortivo.
Viverei minha vida
e exercerei minha arte na pureza e na inocência.
Não praticarei operações
para extração de cálculo, deixando-as aos que disso se ocupam.
Entrarei nas casas para o bem dos enfermos, preservando-me
de qualquer ato voluntário de maldade e corrupção, sobretudo
da sedução de mulheres e rapazes, livres ou escravos.
No exercício da minha arte ou fora dele, silenciarei sobre tudo o que vir e ouvir em sociedade
e que não precise tornar-se público, considerando sempre a discrição como um dever.

Que me seja dado gozar da vida e da profissão,
honrado entre os homens, se bem cumprir este voto;
se o violar e perjurar,
que tenha a sorte adversa."

Respeitando e honrando esse juramento, hoje estamos aqui, concluindo mais uma etapa de
nossas vidas, que se iniciou lá na fecundação. Só que essa etapa será longa, muito longa, o que
nos remete ao pensamento de nossa mãe enquanto estava grávida. Lembram do pensamento?
"Te amarei por toda a eternidade."

Eternidade nos lembra imortalidade. A partir de hoje, seremos imortais. E o que é ser imortal?
A imortalidade é de duração perpétua.

O acadêmico, ao ser eleito e após devidamente empossado, enquanto cumprir as obrigações
como acadêmico, será detentor da qualidade de imortal, jamais sendo esquecido, pois estará
eternizado na memória dos homens. E quando sua morte ocorrer, no pleno uso e gozo da
titularidade da cadeira ocupada, isso lhe proporcionará e consagrará a verdadeira imortalidade.

Então, grandes responsabilidades iremos assumir.

A Academia de Medicina do Amapá tem por finalidade trabalhar pelo progresso da cultura
médica e das ciências afins, assim como apoiar e estimular a educação continuada e a pesquisa
de interesse médico, promover congressos, simpósios e auxiliar os governos municipal,
estadual e federal, quando solicitado.

Estamos contentes e nos sentimos honrados por fazer parte desta importante instituição. Este
é o reconhecimento de uma história de vida e do que fizemos pela medicina do estado do
Amapá durante todos esses anos.

Nós, novos membros, iremos nos juntar aos confrades já pertencentes a esta Academia.

Sejam bem-vindos à imortalidade.

Salve a Academia de Medicina do Amapá.

Muito obrigado!